

economia

Fecomércio-RS defende mais incentivos ao Estado

Entidade avalia que valores do Pronampe ainda são insuficientes

/ CRÉDITO

Bárbara Lima

barbaral@jcrs.com.br

Na última quinta-feira, o governo federal anunciou mais um incentivo aos micro e pequenos empresários atingidos pelas cheias no Rio Grande do Sul. A Medida Provisória (MP) 1.245/2024 foi editada para ampliar em R\$ 1 bilhão os recursos disponibilizados pela União para conceder crédito subsidiado. A concessão do recurso será através do Programa Na-

cional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe). A subvenção anunciada possibilita a disponibilização de R\$ 2,5 bilhões em crédito às empresas.

De acordo com Luiz Carlos Bohn, presidente da Fecomércio-RS, a medida é positiva, ainda que insuficiente. Ele também fez uma ressalva, lembrando que os recursos não foram liberados, porque dependem de regulamentação. “Demandamos essa medida desde a publicação que estabeleceu o primeiro montante de R\$ 1

bilhão de subvenção para micro e pequenas empresas afetadas pelas enchentes. Apesar de acreditarmos que os valores totais ainda são insuficientes e que o desenho da medida precisa de ajustes, o seu sentido é positivo”, avaliou o presidente da entidade.

Conforme a Fecomércio-RS sobre as perdas das empresas gaúchas, apenas as patrimoniais superaram os R\$ 20 bilhões. “E isso que não estamos falando na parte de obstrução de receitas e aumento de custos, que também foram enormes, não apenas nas áreas alagadas”, acrescentou Bohn. Para ele, falta celeridade nos recursos. “Aguardamos por muito tempo essa medida e, ainda assim, ela sequer foi publicada junto com sua regulamentação, para que os recursos já possam ser liberados pelos bancos. As empresas vivem de fluxo. Seu lucro, quando existe, é uma parcela muito pequena deste fluxo e, na maioria dos casos, principalmente nos das micro e pequenas empresas, não é suficiente para ser acumulado. Assim, quando o fluxo é interrompido, a empresa tem severas dificuldades de se manter adimplente com seus compromissos”, considerou.



GUSTAVO MANSUR/PALÁCIO PIRATINI/DIVULGAÇÃO/JC

Perdas patrimoniais de empresas gaúchas superaram R\$ 20 bilhões

Auxílio trabalhista e flexibilização tributária são pleitos

De acordo com a entidade, por mais que haja o valor de subvenção associado ao Pronampe, as empresas que foram mais atingidas terão dificuldades de quitar estes empréstimos. “Nós precisávamos de um nível mais agressivo de ajuda, focada nas empresas com maiores prejuízos. Além disso, há de se lembrar que esses empréstimos ajudam a diluir os impactos

no tempo. Ainda vamos ficar anos pagando esses valores.” Como alternativa, Luiz Carlos Bohn explica que a entidade também está demandando, além da ampliação de recursos, que a medida de auxílio trabalhista seja alongada. O governo pagou duas parcelas de um salário mínimo para ajudar empresários no pagamento de salários dos colaboradores. Ele também defen-

de que tributos federais sejam flexibilizados durante um período para as empresas gaúchas.

A Fecomércio-RS recomenda, ainda, que os recursos do Pronampe sejam utilizados na recuperação de atividades para que as receitas voltem a entrar. “Para as empresas que estão com redução de receitas, a alocação dos recursos é voltada para a sobrevivência, como o auxílio no pagamento de salários, para estar pronta para uma retomada.” A MP 1.245/2024 complementa a MP 1.216/2024, que já havia destinado R\$ 1 bilhão em crédito subsidiado para os pequenos empreendedores gaúchos. Segundo o governo, esse montante inicial beneficiou mais de 22 mil empresas, mas ainda há demanda por recursos – dos R\$ 500 milhões destinados especificamente às empresas de pequeno porte, R\$ 498 milhões já foram empenhados.

Confiança do industrial gaúcho na economia nacional diminui

ZÉTO TELÖKEN/DIVULGAÇÃO/JC



Cenário piorou em relação ao período atual e futuro, mostra a Fieg

/ INDÚSTRIA

O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI-RS), divulgado ontem pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fieg), recuou 0,7 ponto entre junho e julho, de 46,9 para 46,2. “A percepção dos empresários gaúchos com a economia brasileira piorou, tanto com relação à situação atual quanto a respeito das expectativas. Isso se deve a novos fatores restritivos à atividade industrial, como o fim do ciclo de redução dos juros e a instabilidade da taxa de câmbio, o que aumenta os já elevados níveis de incertezas decorrentes dos problemas fiscais”, diz o presidente da Fieg, Claudio Bier. O índice varia de zero a cem pontos, sendo que abaixo de 50 mostra falta de confiança.

Bier lembra ainda que, no cenário estadual, tem sido evidente uma considerável demora na chegada de recursos e medidas essenciais para a retomada e, até o momento, as providências adotadas têm se mostrado insuficientes em diversas frentes cruciais, como a trabalhista, a tributária e a de crédito.

Após quatro baixas seguidas, o Índice de Condições Atuais avançou ligeiramente de 40,6, em junho, para 40,9 pontos, em julho, mas permanece bem abaixo dos 50 pontos, o que revela piora. O Índice de Condições da Economia Brasileira, componente com a avaliação mais negativa, caiu de 38,2 para 36 pontos no período e registrou o menor valor em 14 meses. Em março de 2024, 39,5% das empresas viam piora da economia nacional e, em julho, tal avaliação já é majoritária: 53,1% (eram 47,9% em junho). A economia gaúcha está

em condições mais desfavoráveis que a nacional, mas o índice que a mede – e não participa da composição do ICEI-RS – subiu 3,5 pontos, para 28,2, com 73,5% das empresas avaliando as condições locais de forma negativa. Já as condições atuais das empresas também continuam a se deteriorar. Em julho, porém, o índice cresceu 1,6 ponto ante junho, para 43,4. Mas permanece longe de alcançar os 50 pontos.

Em relação ao Índice de Expectativas para os próximos seis meses, ele voltou ao campo negativo no panorama econômico doméstico, ao recuar para 48,9 pontos. Em junho, foi de 50 pontos. O Índice de Expectativas da Economia Brasileira caiu fortemente, 4,7 ante junho, para 39,4, o menor patamar desde janeiro de 2023, quando atingiu 38 pontos. A pontuação refletiu a grande diferença entre a proporção de empresários pessimistas, 43,2% do total (eram 33,3% em junho), ante a de otimistas, 7,4% (eram 10,4% no mês passado). O restante, 49,4%, não espera mudança no cenário econômico no segundo semestre.

O Índice de Expectativas da Economia Gaúcha, por sua vez, cresceu pelo segundo mês. Com 39,9 pontos, em julho não foi diferente da visão negativa esperada para a economia nacional, mas vem de uma condição bem mais desfavorável. Por fim, o Índice de Expectativas das Empresas marcou 53,7. Como vem ocorrendo nos últimos levantamentos, tratou-se do único componente da confiança a mostrar um resultado positivo. Mesmo em um cenário econômico deteriorado e sem perspectivas de melhora, os empresários mostram otimismo com o desempenho de suas empresas nos próximos seis meses.

intranetworks
TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Suporte Técnico Monitoramento e Segurança

Outsourcing de TI Projetos de Infraestrutura

(51) 3325-5700

www.intranetworks.com.br